

QUE DEUS? QUE RELIGIÃO?

A “Latino-americana” vem abordando temas importantes, ano após ano. Assuntos de candente atualidade humana. Pensando na vida, assumindo os desafios que a realidade nos apresenta. Objeto de realidade candente é a religião; temática realmente importante: Deus.

Talvez alguém duvide da atualidade deste tema, pensando em certas áreas do Primeiro Mundo para as quais Deus e a religião “já eram”. Na realidade, dá-se a contradição desconcertante de ver e sentir mais religiosidade do que nunca, e mais descrença também; com todas as ambiguidades e todas as oportunidades.

O fenômeno da mundialização agita também especificamente o tema, porque as populações migrantes, chegando “sem papéis” ao Primeiro Mundo, não entram nele sem seu Deus; carregam consigo o Deus de suas vidas, das vidas dos antepassados. Hoje, culturas e religiões, conhecidas antes por algumas leituras e imagens de televisão, são vivência e conflito nas famílias, nas ruas, nas escolas, no trabalho, na política de todos os países. Nietzsche, finalmente na paz merecida por sua desesperada busca, já tinha retificado seu axioma categórico: chega-se à conclusão de que Deus não está morto.

O problema está em saber de que Deus falamos. Saber também evidentemente o que entendemos por religião e como pensamos que deveria ser uma religião verdadeiramente libertada e libertadora.

Refletindo sobre essas duas perguntas, “que Deus?”, “que Religião?”, as respostas são as mais sérias e as mais desconcertantes.

Falando de Deus, precisamente, um amigo sertanejo de nossa região, tão distante de categorias metafísicas, respondia com a maior simplicidade e devoção: Deus é um bom homem. Já o profeta Oseias põe na boca de Deus (o Deus Javé) esta categorial identificação, sem réplica possível: Eu sou Deus, e não um homem (11,9). O escritor Saramago, Prêmio Nobel de Literatura, ateu assumido e militante, mas que fez da religião material frequente de seus escritos, nos deu uma poética e contemplativa definição de Deus: Deus é o silêncio do Universo e o homem, o grito que dá sentido a esse silêncio. Outro Prêmio Nobel, o poeta espanhol Juan Ramón Jiménez, dizia que a dúvida de fé não é contra Deus, mas a favor de Deus. Nossos teólogos da libertação nos fazem recordar que o contrário da fé não é a dúvida, mas o medo (medo de Deus, com frequência). Que Deus, que religião, que salvação... Uma vizinha pentecostal

ponderava: Os bons se salvam porque são bons, e os maus também se salvam, porque Deus é bom e perdoa.

Este livro, que ocasionou muitos intercâmbios com respeito ao tema e às implicações que o tema traz consigo, oferece um elenco bastante completo de aspectos. A história das religiões e do ateísmo ou a descrença. A diferença e complementariedade entre espiritualidade e religião. A religião que fomenta e justifica guerras. O espiritualismo, o fundamentalismo, a alienação, denunciados tantas e persistentes vezes ontem e hoje. A necessidade do diálogo inter-religioso. O macroecumenismo. Sacralização do poder, do consumismo. A queda, então, de velhos deuses substituídos por deuses novos. A necessidade, a sede vital, de resposta às interrogações maiores do coração humano. A busca de sentido para a vida pessoal e para a sociedade humana como um todo.

Estamos chegando, depois de guerras e inquisições, a nos perguntar se uma religião verdadeira pode existir atacando, fechando-se, forçando um assentimento de fé (que é gratuidade, assunto de coração, busca de toda uma vida e de toda uma história). Todas as religiões podem ser verdadeiras e todas podem abrigar, simultaneamente, muita falsidade. (Deve-se agradecer à declaração do Cardeal Jean Louis Tauran, Presidente do Conselho Pontifício para o Diálogo inter-religioso, que diz que todas as religiões têm a mesma dignidade e importância.)

Procurou-se fazer um esquema dividido em três partes para classificar as características fundamentais da religião segundo culturas e épocas. As religiões afro-indígenas seriam religiões da Natureza. Hoje, evidentemente, essa Natureza seria vista e venerada ecologicamente. As religiões orientais seriam as religiões da interioridade, contemplativas, gratuitas inclusive. E as religiões judeo-cristãs seriam as religiões da História, do Amor-Justiça, da profecia, da política. Logicamente, todas as religiões seriam a busca por Deus, a acolhida de Deus, a espera por Deus. De um Deus que sempre está à nossa busca, acolhendo-nos, e revelando-se, cada dia, em qualquer ângulo da geografia humana. Nenhuma religião tem a exclusividade desse Deus de todos os nomes, que perdoa e salva porque é o Amor.

A “Latino-americana” não quer ser proselitista e, sim, estimular todas as riquezas humanizadoras trazidas pelas religiões. Sem cruzadas e sem supermercados. Deixando que Deus dialogue com Deus, o Deus da família humana e do Universo inteiro. Sempre pensando holística e pessoalmente. Deus não é um conceito, não é um dogma, é mais que uma causa. De que Deus falamos? Com que Deus sonhamos? Santa Teresa de Ávila tem aquele pequeno poema, conhecido mundialmente, que diz: Só Deus basta. Com um respeitoso carinho, eu o digo à grande Teresa: Só Deus basta, Teresa/sempre que for aquele Deus/ que é ele e todos e tudo/em comunhão.

PEDRO CASALDÁLIGA

